

## PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO INFANTIL

**LORENA BORGES ALMEIDA**

PUC-GOIÁS

[lbagyn@yahoo.com.br](mailto:lbagyn@yahoo.com.br)

**MARIA ESPERANÇA FERNANDES CARNEIRO**

PUC-GOIÁS

[esperancacarneiro@outlook.com](mailto:esperancacarneiro@outlook.com)

### INTRODUÇÃO

Paulo Freire é um dos grandes intelectuais brasileiros, que contribuiu de forma inestimável para a Educação, em especial a educação daqueles que não tiveram acesso em idade própria, aqueles adultos excluídos como analfabetos sendo eles a sua inspiração.

Ao intitularmos o trabalho “Paulo Freire e Educação Infantil” é indiscutível reiterar que o autor não se dedicou a estudos específicos nessa etapa da educação que é a educação infantil, no entanto, muito do que foi pensado por ele à educação vão ao encontro do esperado por uma educação infantil socialmente referenciada de qualidade.

Este trabalho objetiva analisar contribuições de Paulo Freire à Educação Infantil, referenciado na dialética que compreende o percurso sócio-histórico do autor em foco e da educação Infantil que se entrecruzam no ato de ensinar.

Começamos nossa tarefa com a pesquisa bibliográfica que realizamos inicialmente por meio dos estudos referentes à Disciplina: Paulo Freire e a Educação desenvolvida por Maria Emília de C. Rodrigues<sup>1</sup>, aprofundamos estudos sistematizados em diversas obras do autor e análises de outros artigos científicos e teses pertinentes ao tema.

## 2.DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Paulo Freire e suas contribuições à educação infantil

Ao pensar em “Paulo Freire e a Educação Infantil” a afirmação de Marafon (2012) nos torna pertinente:

Defendemos a tese de que não existe um Paulo Freire da educação de jovens e adultos, ou da educação de um grupo ou de outro. Existe um projeto societário freireano, o que exige dos pesquisadores o debate sobre o lugar dos jovens, dos adultos e da criança na sua teoria (p.11).

O intelectual em questão propõe em uma educação

<sup>1</sup> Disciplina ministrada no primeiro semestre de 2014 no Programa de Pós-Graduação em Educação FE/UFG/GO, (Como Mestranda da 27ª turma), professora “in memoriam”.



libertadora que respeite o educando, que o conscientize e o considere como um ser capaz, importante, participante da história, um sujeito que aprende e ensina, e todos esses princípios pautados nas obras de Freire são fundamentais a uma prática de educação infantil de qualidade.

Este atendimento foi criado para sanar os problemas vigentes dos adultos, tendo se constituído inicialmente como “depósito de crianças”. Não se pode dizer que havia uma preocupação com a educação em seu sentido pleno. O filantropismo, obras de caridade, entidades religiosas, doações, voluntariado, ilustram nos momentos mais remotos do cuidado às crianças, a desvalorização presente desde sua implantação no país.

Em termos legais a Educação Infantil como cita Kuhlmann (2004) só foi caracterizada como parte dos deveres do Estado com a educação por meio de lutas dos movimentos populares, estudantes dos cursos de Pedagogia, educadores, estudiosos da educação e reivindicações feministas. A Educação Infantil que abrange Creches e pré-escolas, é a primeira etapa da Educação Básica legalmente considerada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, inserindo-se na esfera das políticas educacionais e retirando-se da esfera meramente assistencial.

De acordo com Beisiegel (2010), Freire recusa o “assistencialismo”, o considera como domesticador do homem, o torna passivo, mutismo, é antidialógico. Lutas já foram travadas contra o assistencialismo na educação infantil, o cuidar e o educar são intrínsecos nessa etapa da educação.

A Educação Infantil por meio de seu percurso histórico nos revela a concepção de criança considerada com um ser menos capaz, como alguém que não necessitava de educação, que a ela bastava um atendimento de cunho assistencial, que cuidaria daquela ser indefeso e nada mais. Assim, o cuidar por um longo período foi à base da educação da infância e o ensinar ficando oculto, considerado desnecessário a criança pequena.

Segundo Merisse (1997) essas instituições para a infância devem ser especializadas em atender e educar a criança pequena organizar-se de forma apropriada e saudável à criança independente de sua classe social, por tratar-se de um serviço que é de direito.

Juntamente com a concepção assistencialista da educação infantil nos anos 80 que ainda apresenta traços em nossa realidade destaca-se a educadora nas diversas instituições de Educação Infantil, que possui um papel primordial, e sua formação é essencial e nos



indica sobre sua concepção de criança e infância. No entanto, deve-se desmistificar a naturalização da vocação do dom inato de professoras da educação infantil. Para Freire e Shor (1987, p.36) “[...] educadores libertadores *não* são missionários”.

Historicamente, várias lutas foram travadas em defesa da formação dos profissionais da educação numa perspectiva social que reconhece a formação inicial e contínua como direito inalienável do professor, colocando a docência como base da identidade profissional de todo educador, Freire (1991, p. 87) afirma a importância “formação permanente dos educadores”.

Portanto, as concepções de criança e do educador da educação infantil com trajetória histórica pautados no assistencialismo, na vocação, no sacerdócio, precisam ser extintas, para tal, se torna imprescindível apesar das conquistas em leis, pesquisar e lutar pela educação infantil para que de fato aconteçam transformações reais.

A concepção do educador da educação infantil é um desses determinantes, Vygotsky (1988) em sua teoria expõe a importância dos mediadores do conhecimento, sejam eles pessoas adultas ou pares de mesma idade. E, como consequência, a instituição educativa e, dentro dela, a figura do professor (o docente) são elementos privilegiados para a construção do conhecimento.

Para Freire (1991) o educador deve articular as vivências dos educandos *não* de forma basista, isso não é proposto na educação popular, o que o educando traz de suas experiências anteriores deve ser usado pelo professor como ponto de partida e como ponto de chegada os conhecimentos científicos sempre associados a uma “leitura crítica” da realidade, “nem elitismo teoricista nem basismo praticista, mas a unidade ou a relação teoria e prática”(p.29).

A educação não é neutra, logo, a figura do professor também não o é, e ele ter nitidez de sua opção política é emergente, pois para Freire e Shor (1987) “[...] a educação é política”, o educador progressista deve ter clareza do perfil político da sociedade, compreende-la e engendrar na pedagogia da oposição, lutar pela transformação social, no qual, ele como classe trabalhadora e seus educandos como “oprimidos” necessitam ser conscientes e militantes contra as determinações e permanência dos “opressores”.

Esse professor apontado por Freire não é necessário somente na educação de jovens e adultos, comumente em qualquer etapa da educação, a postura do educador consciente de sua realidade que compreenda e respeite o educando, com domínio dos



conhecimentos científicos a serem ensinados, com opção política concisa, e que compreende no processo de ensino-aprendizagem, no qual, a sua prática docente parte de uma educação emancipadora.

Outro aspecto analisado por Freire consiste no “diálogo” que é essencial à educação infantil como todas as outras etapas de ensino, comumente a escuta atenta, para rompimento da educação tradicional, da “educação bancária”, também o distanciamento do monólogo que parte do princípio que o professor é o único detentor do saber.

O diálogo só é possível quando se acredita na possibilidade da troca. Para Freire e Shor (1987, p. 64) “o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos[...] somos seres comunicativos, que nos comunicamos uns com os outros enquanto nos tornamos mais capazes de transformar nossa realidade”.

O diálogo deve pautar o ensinar e o cuidar na educação infantil como metodologia rotineira, um processo dialético, não é possível a construção de uma pedagogia libertadora da educação infantil distante do diálogo, das trocas, da mediação, do respeito mútuo.

Enfim, como Secretário de Educação Municipal Freire (1991, p. 33) disse sobre “[...] nosso sério empenho em mudar a cara de nossa escola, incluindo as escolas de Educação Infantil”. Novamente se torna inegável dizer que Freire não se preocupou com a educação infantil, um estudioso que pensou a educação de um povo excluído, hostilizado por uma minoria dominante, jamais se esqueceria dos pequenos (das crianças) que também necessitam da “mudança de cara” (bandeira erguida como Secretário em 1989) das instituições que as atendem.

### 3. CONCLUSÕES

Freire a partir de seus estudos tem muito a contribuir com a Educação infantil, os diversos aspectos discutidos por ele sobre educação a abrange como um todo, ele pensou no educando “oprimido” em busca da libertação de uma sociedade capitalista que o despreza, o explora, o trata como um sujeito sem importância, e sua obra retoma a conscientização desse excluído social, propõe uma educação que o respeite.

A educação infantil com suas conquistas em leis, em políticas públicas já tem avançado, no entanto, ainda urge de transformações efetivas, comumente na sua prática pedagógica, no qual, o pensamento freireano tem muito a colaborar.



#### 4. REFERÊNCIAS

- BEISIEGEL, Celso de Rui. Paulo Freire. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2010.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- FREIRE, Paulo. A educação na cidade.SP:Cortez,1991.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido (56ª ed.).RJ:Paz e Terra, 2014.
- \_\_\_\_\_.SHOR Ira. Medo e Ousadia. O Cotidiano do Professor. SP: Paz e Terra, 1987.
- KUHLMANN JR. Moysés. Políticas Infância e educação Infantil: uma abordagem histórica. 3. Ed. Porto Alegre:Mediação,2004.
- MARAFON, Danielle. Educando a Criança com Paulo Freire: por uma Pedagogia da Educação Infantil – A Realização do Ser Mais. Curitiba: PUC-Paraná,2012.
- MERISSE, A. et all.Lugares da Infância – reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato.SP: Arte e Ciência,1997.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes,1988.

